

# A EXPROPRIAÇÃO DO SONO E DA DOR PELA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

## THE EXPROPRIATION OF SLEEP AND PAIN BY THE PERFORMANCE SOCIETY

Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>

*Recebido em 12/03/2023*

*Aprovado em 23/06/2023*

---

### RESUMO

O artigo aborda como a sociedade de desempenho naturaliza o modo de viver do indivíduo que, imerso na lógica autofágica do capitalismo neoliberal, trabalha até sua completa exaustão metabólica em nome de uma autoimposta rentabilidade profissional.

**Palavras-Chave:** Desempenho; Sono; Bem-Viver; Dor.

### ABSTRACT

The article addresses how the performance society naturalizes the way of life of the individual who, immersed in the autophagic logic of neoliberal capitalism, works until his complete metabolic exhaustion in the name of a self-imposed professional profitability

**Keywords:** Performance; Sleep; Well-Being; Pain.

### INTRODUÇÃO

A Sociedade de Desempenho, expressão gerencial do regime neoliberal, se caracteriza por impor uma espécie de sujeição ao trabalhador como se ela fosse a sua própria liberdade, inoculando-lhe preceitos ideológicos que promovem sua dedicação contínua ao labor corporativo até sua completa exaustão, situação que, no contexto em vigor, é considerada como sintoma do fracasso e do descompromisso profissional desse indivíduo. A culpa pelo insucesso do sujeito de desempenho é apenas dele mesmo, por sua falta de engajamento e por sua incapacidade de superação de si. O palavreado motivacional que povoa o imaginário corporativo neoliberal reforça dia a dia a perspectiva gerencialista e seu extenuante culto da performance, que se caracteriza pela celebração das pretensas virtudes laborais que exigem a abnegação de si em prol de uma causa maior, o sucesso da empresa. Nessas condições, o sujeito de desempenho

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

extrapola todos os seus limites metabólicos em nome das metas produtivas insalubres por considerar que a sua rentabilidade profissional somente se manifesta quando ele se lança ao trabalho incessante. O resultado do processo autofágico é sempre o esgotamento psicofísico do trabalhador, ludibriado com a denominação de “empreendedor de si”, que assim apenas empreende os caminhos que conduzem ao seu declínio vital até sua falência completa, a morte. Nesse percurso alienador a dor existencial é escamoteada, recalcada, negada. Na ideologia gerencial, o corpo laboral jamais consegue atingir a perfeição ideal, que seria a capacidade de o sujeito de desempenho não se exaurir mais, não necessitar mais do sono restaurador e não se deixar impactar pela dor. No entanto, como é impossível que o indivíduo viva plenamente sem entraves, o grande vencedor da jornada continuada do capitalismo neoliberal é aquele que consegue resistir com mais abnegação aos estados de sofrimento, ainda que para tanto necessite forjar uma casca de visibilidade repleta de positividade que apresenta, porém, uma interioridade deteriorada. Tal como dito com maestria por Edgar Morin (2010, p. 48), “A positividade sem negatividade transforma as coisas humanas em pedras. É o outro rosto da morte”.

## A PSICOLOGIA DO SUJEITO DE DESEMPENHO

212

Seja na prática profissional ou na atividade de estágio de carreiras gerenciais ou de setores estratégicos do establishment social encontramos recorrentes situações de submissão voluntária do sujeito de desempenho ao emprego. Existem óbvias exigências profissionais que por natureza são exaustivas e abusivas, mas o sujeito de desempenho, em nome de sua espetacular performance, sempre exige de si mesmo mais um pouco, e assim dedica ao trabalho sem nem mesmo ser exigido. A luta para demonstrar a própria rentabilidade junto aos mandatários das empresas é como um andar na beira do abismo para o sujeito de desempenho, que sempre comprime o seu parco tempo livre em mais atividade, mais serviço, mais trabalho, mesmo que sua vida pessoal seja dissolvida por essa dedicação incondicional. David Le Breton aponta que

Os tempos mortos desaparecem. E a vida cotidiana é inteiramente colonizada por uma urgência sem fim, que se estende para fora da empresa, não poupando mais nem a vida pessoal nem a familiar (LE BRETON, 2018, p. 62).

Temos aqui a pessoa que deixa de sociabilizar para permanecer em vigília operacional, temos aqui o progenitor que perde a vivência familiar para se aferrar aos negócios, temos aqui o estudante de Administração ou de áreas afins que idolatra a empresa onde inicia os seus passos profissionais e se esquece das suas responsabilidades acadêmicas, inclusive ao desistir de realizar avaliações regulares para que os seus gestores fiquem contentes com essa bela manifestação de servo-arbítrio gerencial. Vincent de Gaulejac aponta com pertinência que

A cada período de seu desenvolvimento, o indivíduo deve estabelecer uma contabilidade existencial para demonstrar sua empregabilidade. A vida humana deve ser produtiva. A sociedade se torna uma vasta empresa que integra aqueles que lhe são úteis e rejeita os demais (GAULEJAC, 2007, p. 182)

O sujeito de desempenho não é forçosamente ofertado ao Mercado-Moloch, ele mesmo se direciona para a grande fornalha gerencial conscientemente do seu ato, configurando assim uma nova forma de suicídio, um suicídio ritualisticamente lento, mas bastante doloroso para o indivíduo idiotizado pelo apego ao trabalho ilimitado. Ocorre aqui o que podemos denominar como o suicídio gerencialista do sujeito de desempenho. Há nessa dimensão insalubre uma evidente disposição necrófila, pois trabalhar além do necessário não produz mais vida, antes antecipa a morte ao acelerar as condições metabólicas de desvitalização, de fraqueza e de exaustão das energias orgânicas. O progresso material decorrente dos esforços humanos no trabalho sob o regime capitalista se sustenta pela morte em vida de cada indivíduo imerso nesse processo laboral aniquilador. A noção de “vida” proposta pela sociedade de desempenho, ao abolir toda contemplação, toda fruição do existir, toda capacidade de seguir o ritmo natural da Biosfera é na verdade a construção de uma grande necrópole. As estruturas materiais da civilização escondem os mortos que se anularam pelo sucesso da sociedade, o que se caracteriza como um genuíno “fetichismo da civilização”. O sujeito de desempenho manifesta assim sempre a ânsia de estar ao dispor da empresa em nome da sua maior rentabilidade e sucesso, mesmo que talvez não receba em troca o investimento de tempo e de energia dedicados nesse ofício exaustivo. Mesmo que as frágeis leis trabalhistas impeçam algumas práticas corporativas degradantes, ainda assim o sujeito de desempenho pouco se importa com essas limitações legais, realizando com afincamento atividades positivadas que agradam ainda mais aos gestores e seus intentos lucrativos.

A tecnocracia gerencial, ardilosa conhecedora das determinações psíquicas do sujeito de desempenho, sabe profundamente que esse indivíduo deseja por conta própria fazer sempre mais, mesmo que esse acréscimo não seja oficialmente exigido. Na verdade, o sujeito de desempenho gosta de vivenciar essas situações limítrofes, pois, incapaz de se assenhorar do tempo da vida de maneira livre e contemplativa, necessita tonificar sua existência com esses estímulos autoimpostos para se sentir melhor do ponto de vista organizacional, mesmo que esteja sob o risco de colapsar. Para Byung-Chul Han,

A coação do desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir (HAN, 2017, p. 85-86)

A estruturação de uma sociedade do cansaço é a consequência cabal da vida dedicada ao desempenho permanente, sem qualquer desmobilização psíquica em relação aos processos produtivos. O cansaço não é apenas uma prostração orgânica do ser humano, mas uma exaustão ontológica, ou seja, é algo que se remete diretamente aos seus caracteres existenciais mais íntimos. Esse é o quadro da sociedade do cansaço, uma sociedade de zumbis produtivos que estão corroídos no âmago, exauridos completamente pela impossibilidade de se conectarem com suas próprias subjetividades.

214

## A SUPRESSÃO DA VIVÊNCIA DO SONO

A sociedade de desempenho enaltece a capacidade operacional do indivíduo que coloca a realização das metas profissionais acima de qualquer consideração pelo bem-viver. Qualquer experiência de qualidade existencial e desconexão profissional são adiadas ad aeternum para melhor engajamento laboral, de modo que o tempo da festa/tempo da celebração deixa se prefigurar no horizonte existencial do sujeito de desempenho. Conforme um torpe discurso motivacional-gerencialista, “eu trabalho enquanto você dorme”. Ora, quem segue essa ideia de maneira irrefletida talvez até consiga prosperar com essa vigília voluntária, mas certamente sofrerá a posteriori as consequências desses descalabros, a começar pela perda da saúde psicofísica que desemboca em uma tortuosa Síndrome de Burnout e a despersonalização existencial que se ramifica desse estado

corrosivo. Se o sujeito de desempenho prefere trabalhar enquanto outros dormem, tal como ele orgulhosamente afirma, que então ele mesmo permaneça nessa crosta de ferro gerencial e não ouse propor insidiosamente essa estupidez aos demais. Conforme argumenta Byung-Chul Han,

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do desempenho. Vista a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida (HAN, 2017, p. 27).

O sono é uma estado metabólico e também ontológico que se revela como uma aguerrida zona de trincheira contra a invasão colonialista do disposto gerencial na vida humana pela produção desmedida da sociedade de desempenho com seu crescimento doentio e entumecido. Não é apenas um mero dormir para que em seguida se repita o padrão comportamental introjetado, mas a reconfiguração da cronologia da vida orientada para a performance laboral. Para Jonathan Crary,

A imensa parte de nossas vidas que passamos dormindo, libertos de um atoleiro de carências simuladas, subsiste como uma das grandes afrontas humanas à voracidade do capitalismo contemporâneo. O sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo (CRARY, 2014, p. 20).

215

Mesmo que não promova a revolução socioeconômica que estabelece a superação do capitalismo neoliberal, o sono ao menos promove um freio ao afã gerencialista por aceleração operacional que impessoaliza o sujeito de desempenho e o direciona para uma forma de vida autocentrada e unidimensional, só se pensa na performance e na proatividade. Conforme aponta Hans-Georg Gadamer, “Uma das grandes forças curativas da vida é o fato de, todas as noites, entregarmo-nos ao sono curativo de esquecer. Não poder esquecer é um sofrimento pesado” (GADAMER, 2016, 143). Dormir é esquecer provisoriamente as determinações rentáveis da sociedade de desempenho, e por isso o sono é economicamente tão perigoso para o cálculo gerencial do capitalismo.

É completamente indecente, sob a perspectiva da natureza orgânica, a ideia de se trabalhar sem dormir e sem se desconectar cognitivamente do ambiente profissional. É mister suprimir qualquer culpabilidade pelo sono bem logrado. Quem não dorme capota, essa sim é uma verdade fundamentada na psicofisiologia. Com efeito, muitos acidentes seriam

evitados se conseguíssemos dormir adequadamente. Da mesma forma, nossa saúde vital só encontra equilíbrio mediante o usufruto reparador do sono. Quando a experiência do sono necessita se tornar um direito é sinal de que nossa organização civilizacional segue um rumo equivocado. A moralidade gerencialista culpabiliza quem ousa dormir, quem ousa se libertar do universo laboral. Fruir alegremente do tempo do sono é um risco para a moralidade produtivista, que somente enxerga na ação rentável qualquer legitimidade. O discurso normativo de se associar o ócio e a preguiça ao caráter indolente expressa o preconceito mundano tradicional que eleva o cru pragmatismo utilitarista acima de qualquer outra expressão de vida. Ação sem reflexão e sem descontração é um trampolim para o automatismo funcional, e assim forjamos corpos dóceis para qualquer poder tirânico que visa colonizar a existência humana. Equiparar nosso organismo ao dispositivo maquinal é uma tática gerencialista muito bem lograda na sociedade de desempenho, que enxerga na pessoa humana um mero robô sem necessidades inefáveis, inapreensíveis pela logicidade da vida funcional. Por isso apólogos da tecnocracia gerencial sonham com a substituição do organismo humano pela inteligência artificial.

Renunciar ao sono em nome do progresso profissional não é sinal de desenvolvimento civilizacional, mas antes um regresso violento ao primitivismo, pois vive-se como um animal selvagem sempre ansioso e desconfiado em relação aos movimentos do entorno (os animais selvagens, pelo menos, não são destruidores da Biosfera). Muitas ideias maravilhosas surgem nos sonhos, de modo que a privação forçada do tempo de sono pode prejudicar terrivelmente o bom desenvolvimento da cultura: “A negação do sono é uma desapropriação violenta do eu por forças externas, o estilhaçamento calculado de um indivíduo” (CRARY, 2014, p. 16).

Diz-se que passamos mais de um 1/3 da vida dormindo e esse tempo desperdiçado é a causa básica de nosso fracasso material. A solução para nossa miséria mundana é dormir menos e trabalhar mais, assim calcula o homem de negócio. Eis então o questionamento: trabalhar mais para quê e para quem? Vejamos que em todo discurso enfadonho da ideologia gerencial promove-se a virtude superior do trabalho desmedido como panaceia para o “progresso”, mas jamais sabemos de maneira imediata quem lucra com o excedente de nossa produção. Conforme o discurso ancestral de Ailton Krenak,

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência.

Eles escravizam tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos (KRENAK, 2022, p. 113).

O plutocrata dorme muito bem, por sinal, e se a insônia lhe acomete não lhe faltam remédios e artefatos terapêuticos para melhorar sua qualidade de sono. Somente o trabalhador assalariado, somente o funcionário submetido ao arbítrio hierárquico deve economizar o tempo de descanso para melhor aproveitá-lo como tempo de produção, negando assim o seu ócio sagrado. O capitalismo se reconfigura no decorrer das eras e com ele também as técnicas de obtenção de mais-valia.

Não existe plena independência entre a práxis medicinal, a indústria farmacêutica e a lógica do mercado. Sabe-se que o organismo humano não produz bem após horas contínuas de labuta, e assim um intervalo de descanso é sempre recomendado entre as refeições, de modo a se facilitar o processo de metabolização dos alimentos. Um remédio de propriedade sonífera também é um poderoso aliado para relaxar a consciência de quem não consegue se desconectar da vigília. Dormir sem boa fruição potencializa o risco de sofrermos doenças cardiovasculares, depressão, ansiedade, neurastenia, dentre outros transtornos psicofísicos. Por isso se recomenda que o sono seja restaurador de nossa vitalidade. Mas veja-se que mesmo o que parece ser um reconhecimento da natureza humana e sua dignidade inerente na verdade é apenas um procedimento operacional que visa manter as taxas de rentabilidade dentro de uma margem de ampla lucratividade para os detentores dos meios de produção e seus sócios. Isso também se aplica, terrível dizer, aos procedimentos ortopédicos, aos apetrechos eletrônicos e outras bugigangas que visam aprimorar a qualidade do sono do indivíduo, quem sabe até mesmo para fazê-lo ter sonhos mais aprazíveis. Nenhuma inovação técnica e nenhum avanço científico no contexto da sociedade capitalista são desinteressados ou altruisticamente comprometidos com o aprimoramento da vida humana, sempre existe alguma motivação rentável oculta. Afinal, não é razoável que o trabalhador durma mal quando ele dorme, pois isso impactará a produção posterior.

Sonhar era sempre um risco de se deixar influenciar pela lubricidade dos súcubos e incubos, mas os diabos reais se manifestam na experiência prosaica. Dormir não é mergulhar no Mundo de Maya tal como algumas interpretações espiritualistas apregoam, mas a possibilidade de vivenciarmos nossa interioridade da maneira mais desinibida Quanto mais dormimos mais somos. Por isso os torturadores oficiais das governanças autoritárias violam o sono do prisioneiro, pois se trata de sua única liberdade

possível no escafandro em que ele se encontra. Se outrora dormir 8 horas de sono por dia era a média razoável para o homem empreendedor, na moral neoliberal alinhada aos procedimentos da Infocracia e da Dromocracia tal dispêndio de tempo é um luxo inadequado. O sono ideal na tecnocracia capitalista é o sono intermitente, deve-se dormir apenas nos intervalos entre uma operação e outra, um sono fragmentado, portanto, que é incapaz de permitir qualquer desconexão laboral e relaxamento cognitivo. Dorme-se pensando no trabalho. Em situações ainda mais extremas, convém manter a tensão psíquica ao máximo, e assim dormir é algo inviável. Permanecer em estado de vigília com o subsequente consumo de aditivos cada vez mais fortes para manter a atenção desperta é um dos preceitos capitais do sujeito de desempenho, daí decorre o elevado índice de drogadição entre o vasto exército laboral do mundo gerencial, dos cargos mais subalternos aos maiores escalões. Para Emil Cioran (2012, p. 15-16), “A insônia é uma lucidez vertiginosa que poderia converter o paraíso num centro de tortura. Qualquer coisa é preferível à vigília permanente., essa ausência criminosa de esquecimento”.

Sem a toxicodependência o capitalismo jamais se consolidaria, inclusive em seus albores várias guerras imperialistas foram motivadas pela necessidade de se expandir os mercados das drogas entre os povos do mundo. A despeito da rigidez ascética da moral protestante-capitalista que postula a tese de que toda indisposição ao labor é sintoma de graça ausente, a fé na providência divina não basta para manter desperto o sujeito de desempenho em suas funções laborais, e assim o café é celebrado como um aliado do ser humano para o estimular a bem exercer as suas atividades profissionais. Todavia, infelizmente o café não é mais suficiente para manter o ânimo do sujeito de desempenho enrijecido, e assim a indústria farmacológica prospera com as necessidades operacionais cada vez mais expandidas do sujeito de desempenho, sem esquecermos das ações ilícitas do narcotráfico. O resultado final é o organismo deteriorado, a começar pelo sistema nervoso.

Cabe ressaltar que dormir pouco e virar madrugada adentro para realizar uma obra de gênio é usual entre os grandes homens do espírito, pois o fluxo criativo não se deixa represar pelo metabolismo natural do dia-noite. Ser notívago para realizar algo culturalmente digno e elevado é uma contribuição formidável para a grandeza humana. Dormir menos para assistir um filme ou ler um livro é muito mais interessante do que suprimir o tempo de descanso para trabalhar em alguma atividade profissional que, analisada com profundidade, é desnecessária, tal como ocorre com grande

parte das exigências gerenciais, uma série de demandas estúpidas que apenas visam manter ocupado o sujeito de desempenho. O trabalho sob a égide gerencialista, por sua vez, é completamente distinto, pois a invasão violenta no tempo de sono visa não apenas promover a rentabilidade individual em sua performance profissional como também o sucesso da empresa, o objetivo maior desse dispêndio de energia. Ao fim, a causa corporativa floresce, mas a vida do sujeito de desempenho fenece.

## A DOR NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

A sociedade de desempenho é marcada pelo princípio de prazer, estabelecendo assim uma conexão entre capitalismo e (tentativa) de satisfação dos desejos. A pessoa, compreendida como consumidora de serviços e de direitos, é “obrigada a ser feliz”, isto é, é obrigado a gozar, o gozo é um imperativo categórico. É indecente não gozar. Eis aqui a consolidação da positividade tóxica na constituição da subjetividade humana, que nos exige não apenas mobilização proativa contínua, mas também manifestação aparente contínua de felicidade. A psicofisiologia comprova que ser alegre é muito melhor do que ser triste, mas não adianta a pessoa fingir ser algo que ela não é, quem se encontra em estado de tristeza tem algum motivo para tal. Não são meras palavras vazias pronunciadas por uma boca motivadora que mudarão tal situação.

Podemos afirmar que se configura no capitalismo neoliberal uma espécie de fascismo do gozo, pois o indivíduo atomizado é estimulado a seguir um único caminho possível e viável para sua realização pessoal, o caminho do consumismo e seu inerente processo de esgotamento das mercadorias adquiridas. Para Jean Baudrillard,

Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer sedução, que é um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa de um desejo (BAUDRILLARD, 1992, p. 47).

Não existe vida melhor além da engrenagem consumista e todo sistema de produção e de serviços estão ao meu dispor. O bem-estar individual é assim condicionado ao ato de consumir. Quem me impede de gozar é meu inimigo. A publicidade produz discursos que reforçam diariamente essa disposição. Mesmo que novas configurações de consumo regidas pelos paradigmas da sustentabilidade proliferem em nossa rede de ação, a busca pelo prazer permanece como o grande foco da existência de

qualquer pessoa considerada normal. Não aceitar esse fato hedonista é sintoma de que existe algo de errado com o sujeito. A sabedoria ancestral de Ailton Krenak é muito importante de ser aqui incorporada:

Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até a ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra comum de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões (KRENAK, 2020, p. 24-25).

Mesmo pessoas do campo político progressista, em especial as que foram encantadas pelo discurso liberal, almejam erigir uma vida pautada pelo prazer, associado ao poder de consumo e capacidade de satisfação dos desejos, revelando-se as origens pequeno-burguesa desse nicho ideológico. Incapaz de pelejar por uma transformação radical da sociedade. Esse indivíduo superficialmente progressista apenas quer ser incluído no sistema de gratificação social e adota um palavreado revolucionário quando é apenas um tipo humano amesquinhado que chancela, ainda que de maneira inconsciente, as bases reacionárias de nosso establishment. Nesse contexto, cabe aqui ressaltar que felicidade não é prazer, felicidade é imensurável e se desenvolve ao longo do percurso de nossa existência mediante a vivência interpessoal, a superação dos entraves prosaicos e pela amadurecimento da personalidade, serenada, desacelerada. Não existe caminho ou método para se chegar ao estado da felicidade, ele se realiza de maneira intuitiva sem qualquer métrica ou capacidade objetiva de apreensão.

A dor é uma prova de que estamos vivos. Uma experiência imanente da realidade nos faz compreender que a dor é elemento indissociável do existir e que toda tentativa de eliminá-la de nossa percepção de mundo é uma castração moral. A sociedade de desempenho, conforme exposto nas linhas precedentes, não nega o prazer, mas o compreende de maneira instrumental, um mero estado psicofísico de contraponto ao estado de dor. Busca-se prazer em cima de prazer para que não se pense e não se viva a dor. O prazer anestesia o ânimo do sujeito de desempenho para que ele possa assimilar positivamente o sofrimento laboral acumulado em sua rotina profissional. O prazer da sociedade de desempenho é um prazer administrado, utilitarista, destituído de qualquer supressão da temporalidade; é um prazer desprovido da vivência contemplativa.

Em uma perspectiva trágica da vida, prazer e dor são indissociáveis e toda tentativa de apenas tonificar as situações aprazíveis se revela um

fracasso gerencial que somente reforça a decepção existencial. Compreender dor e prazer como elementos interconectados diminui o risco de frustração com os desajustes mundanos. Talvez a grande perspicácia prática na vida seja mergulhar na dor quando ela desponta: “Apenas o vivo, a vida capaz de sentir dor, consegue pensar. Falta à inteligência artificial, justamente, essa vida” (HAN, 2021, p. 78). Não significa que antecipemos a dor ou provoquemos-la, mas que estejamos existencialmente dispostos em vivenciá-la quando as circunstâncias estiverem fora de nosso controle. O artista usa a dor do mundo como força criativa em sua obra. Já a dor na sociedade de desempenho visa apenas embotar o caráter do indivíduo autocentrado, como uma espécie de punição corretiva por suas fraquezas inerentes, de modo que as situações de dor lhe são autoimpostas como uma performance em prol do aprimoramento contínuo. A moral da academia de ginástica segue esse parâmetro axiológico, o corpo deve ser talhado e testado ao limite como prova da resiliência individual em uma busca insalubre pelo corpo escultural que, necessariamente, não significa boa saúde, já que muitos aditivos são utilizados para se plasmar o corpo fetichizado. Malha-se muito mais para outrem do que para si mesmo. Toda rigidez antinatural escamoteia um problema estrutural, o mitificado Homem de Marlboro, viril e solitário, morreu de câncer.

Charlatões vendem cursos sobre como alcançar a felicidade, e qualquer pessoa com embasamento filosófico sabe piamente que se trata de uma trapaça psicologizante que, no entanto, seduz uma clientela asséptica axiologicamente desorientada que forja para sua existência ordinária uma massa heteróclita de sentenças e de preceitos para bem-viver, mesclando de tradições arcaicas, saberes holísticos e outros discursos sublimes uma massa informe repleta de votos seráficos para a conquista de uma vida mais iluminada, sem, todavia, romper com as amarras do mundo produtivista, exaustor, egoísta e ansioso em que vivemos. Poucas pessoas que se dedicam ao saber esotérico vislumbram negar a ordenação mundana das coisas, mas antes pretendem adaptar os ensinamentos sagrados ao *modus operandi* economicamente liberal, criando-se uma “teosofia da prosperidade” conforme o espírito da New Age. No lugar do ascetismo de rigor, selecionam dos ensinamentos arcaicos o que convém e descartam o restante em um self-service esotérico, eis assim o “último homem” em sua formatação espiritualista. Assim, é plenamente possível um indivíduo espiritualmente positivado vislumbrar alcançar um elevado estado de consciência cósmica mediante técnicas especiais de meditação e ao descer para a imanência do mundo,

ao realizar suas funções profissionais, estabelecer critérios rentistas para eliminar postos de trabalho na empresa que gerencia, sem qualquer pudor moral. Merece uma análise apurada a cooptação de alguns ensinamentos esotéricos por alguns segmentos sociais que se alinham ao espectro da extrema-direita, mesmo que tais indivíduos sonhem com entidades astrais ou evoquem forças transcendentais das esferas mais sutis. Nem sempre a pessoa que pronuncia Namastê é alguém de índole elevada ou intelecto cultivado. Uma legião de negacionistas, armamentistas e outros tipos similares vivem nas fileiras esotéricas expelindo imundícies conspiracionistas. Como não poderia deixar de ser, essa extrema-direita astralizada reconhece, ainda que de maneira distorcida, quem é o pretenso empecilho da evolução espiritual da humanidade: o Comunismo, cujo fantasma amedronta inclusive as seitas obscurantistas cujos textos, analisados com rigor filológico, abordam temas como eugenia, sectarismo social e outras ideias contrárias aos fundamentos democráticos basilares.

No fundo, minha dor é única, ninguém mais pode vivenciá-la em sua pura intensidade, ainda que pela compaixão haja uma espécie de comunicação e comunhão intuitiva de vivências. A moralidade neoliberal, adepta do individualismo narcisista, desconsidera a grandeza ética da compaixão, pois apenas o sujeito fechado em si mesmo representa algo de especial. As campanhas de solidariedade são depreciadas pois exigem engajamento pessoal pela realização de um bem comum imediato. A sociedade ordinária vive autocentrada em suas próprias configurações e é incapaz de ampliar o seu horizonte axiológico. Por isso a grande indiferença ao sofrimento do mundo, sobretudo o silencioso daquele que padece invisível. Na sociedade de desempenho, a dor do outro é desconsiderada, pois o que importa é a mobilização produtiva incessante. A dor do outro é estigmatizada como fraqueza de ânimo, incapacidade de perseverar em uma tarefa que visa capacitar o sujeito para um cargo operacional ou gerar receita para a corporação. Manifesta-se aqui nada mais do que uma dessacralização da dor pela ação blasfema do cálculo utilitário da ação mobilizada permanente da sociedade de desempenho.

A doença, o luto, a fraqueza, a impotência e a depressão são vilipendiadas pelo espírito performático do produtivismo neoliberal. Toda incapacidade laboral oriunda da tristeza do ânimo recolhido em si mesmo atrapalha a expansão cancerígena do Capital. Se a dor da alma floresce, ela necessita ser suprimida o mais rápido possível, daí a intervenção da moralidade medicamentosa que apenas pretende trazer de volta para a engrenagem laboral o indivíduo dorido, que se recupera das enfermidades

decorrentes da sua desvitalização para que, novamente extenuado, recorra aos remédios e terapias para se ajustar mais uma vez ao padrão social exigido, trabalhar e consumir até morrer. Para Byung-Chul Han,

Vivemos para sobreviver. A história da saúde e da mania de otimização são refugos da falta de ser predominante. Tentamos compensar o déficit do ser por meio do prolongamento da vida crua. Desse modo, perdemos toda sensibilidade para a vida intensa. Nós a confundimos com mais produção, desempenho e consumo, que, porém, não representam nada senão formas de sobrevivência (HAN, 2023, p. 93)

Por conseguinte, no contexto do capitalismo tecnocrático agenciado pelo economicismo neoliberal, a reabilitação da saúde do ser humano visa apenas reintegrá-lo ao processo produtivo, de modo a torná-lo “independente” de qualquer auxílio previdenciário e assim capacitá-lo a gerar riqueza para os detentores dos meios de produção e, em troca, obter o seu salário que lhe proporciona participar mais ou menos intensamente da sociedade de consumo. E assim o ciclo do sofrimento se mantém ativo. Toda dor, assim que se manifesta na corporeidade humana, deve ser suprimida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

223

A sociedade de desempenho se constitui não apenas como um regime econômico-laboral, mas também como uma hegemonia ideológico-discursiva que seduz até a medula quem faz parte da atmosfera organizacional e os seus tentáculos laborais. A inerente desconsideração pelo bem viver é uma apologia necrófila da morte em vida do sujeito de desempenho, que se engaja voluntariamente nas ações performáticas de produtividade para melhor se situar no mercado e se sentir mais satisfeito consigo mesmo, sem culpa e sem preconceito. Contudo, não conseguir ouvir a voz do corpo traz consequências deletérias posteriores que os poderes auxiliares do capitalismo tecnocrático não conseguem plenamente resolver. Nem todos recebem o suporte operacional para reabilitação laboral e retorno para as trincheiras da guerra mercadológica. Grande parte do exército da sociedade de desempenho é descartada como inútil e excluída permanentemente do processo. Fruir o sono conforme a singular necessidade metabólica é ratificar o limite existencial contra o tempo acelerado da vida produtiva pela liberdade prática proporcionada pela lentidão. Aceitar a dor quando ela se manifesta é compreender a complexidade da vida em sua imanência. A sociedade de desempenho,

como lógica produtiva e como poder operacional, fundamentada em uma ideia de homem que nega a si mesmo, impede o desenvolvimento efetivamente sustentável da existência, que leve em consideração o bem-viver para além dos critérios do mercado, algo que os apólogos da dita responsabilidade social-empresarial e da governança social e ambiental (ESG) jamais conseguem proporcionar, pois ainda submetidos ao projeto capitalista de crescimento, ainda que pretensamente adequado aos valores includentes e democratizantes.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1992.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Trad. de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo Tardio e os fins do sono**. Trad. de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: COSAC NAIFY, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Trad. de Antonio Luz Costa. Petrópolis: Vozes, 2006.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço (2ª edição ampliada)**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

\_\_\_\_\_. **Vita Contemplativa ou sobre a inatividade**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea.**  
Trad. de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo.** Trad. de Maria Lucia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2010.

